

A COBERTURA DO JORNALISMO ESPORTIVO EM RELAÇÃO ÀS MULHERES ATLETAS

Tatiane Ramos da Luz – Estudante do curso de Educação Física. Email:

tati_rluz@yahoo.com.br

João Pedro Arantes – Prof^o. Mestre da Universidade de Mogi das Cruzes. E-mail:

jp.arantes@uol.com.br

Área de Conhecimento: Educação Física.

Palavras-chaves: gênero, mídia, esporte.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve com objetivo verificar se existem diferenças entre a cobertura jornalística esportiva, particularmente a mídia impressa, relacionado à questão dos gêneros masculinos e femininos, e se há um privilégio da informação para um ou para outro.

O avanço das mulheres no mundo do esporte, desde o espaço muito limitado que tinham na época em que a noção de fragilidade feminina imperava, até a gradual conquista de atuação esportiva diversificada tanto no nível do esporte amador quanto profissional, é um fenômeno amplamente reconhecido hoje em dia.

O esporte, um fenômeno surgido há milênios, mostrou que as mulheres sofreram limitações em seu direito à prática esportiva. Na atualidade, o mundo esportivo tem, em parte, incorporado a luta das mulheres para se apropriarem de espaços existentes e/ou para criar novos (HILLEBRAND; GROSSI; MORAES, 2008).

A concepção de papéis definidos do século passado foi alterada, o que ocasionou mudanças como o reconhecimento de que homem e mulher podem se interessar pelos mesmos assuntos.

Pensar as construções das identidades de gênero e sua relação com os diferentes agentes da mídia esportiva, nesta nova situação, deve significar refletir sobre tensões e disputas de espaço e poder em uma multiplicidade de vozes, que ultrapasse as generalizações e essencializações para questionar movimentos mais sutis de qualificação de determinados valores associados a identidades de gênero hegemônicas, masculinas e femininas (ROJIO, 2008).

OBJETIVOS

Verificar o espaço dado ao gênero feminino na cobertura jornalística esportiva (mídia impressa), comparando dois jornais de grande circulação e identificar o periódico que cede o maior e o menor espaço para homens e para mulheres.

METODOLOGIA

Para atender aos objetivos propostos foi utilizado como instrumento de pesquisa dois jornais de grande circulação no país: “Estado de São Paulo” e a “Folha de São Paulo”. Foi feito o levantamento dos dados no caderno de esportes dos respectivos jornais citados durante todo o mês de outubro de 2009, e verificou-se a quantidade de publicações referentes às mulheres e a quantidade de publicações referentes aos homens. Os questionamentos vão de acordo com pesquisa feita anteriormente (SOUZA; KNIJINIK 2002). São eles: número de reportagens para gênero masculino e feminino; média de palavras despendidas por gênero e frequência do uso de termos sobre o gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O diário “Folha de São Paulo” apresenta mais reportagens em seu caderno esportivo (1027), enquanto que o “Estado de São Paulo” tem uma contagem menor (896). Apesar do número maior de reportagens, a *Folha* faz menção ao gênero feminino em apenas 4,9% no total de suas reportagens. Já o *Estado* dedica 7,47% de seu espaço as atletas. Messa (2005) explica que o jornalismo esportivo diário é, na realidade, um jornalismo de variedades, amenidades, cujo tema não é o esporte em si, mas os seus conglomerados e personagens que compõem essa rede mercadológica. Não existe no jornalismo, informação sobre os esportes, existe propaganda sobre o esporte, publicidade de marcas e logos, sensacionalismo e merchandising. Isto pode ser explicação importante pelo fato de as mulheres serem menos retratadas nestes cadernos, pois acredita-se que este nicho mercadológico e mesmo de interesse seja menor do que para o homem.

O *Estado* apresenta uma média de palavras por reportagem para o gênero masculino maior do que a *Folha* (141,2), e também um número maior para as *neutras* (96,9). O diário também mostra que cede um maior espaço para as *mulheres* (55,4).

Os termos *herói*, *líder* e *ídolo*, não foram usados uma única vez pelo *Estado* quando se dirigiu as mulheres. Os termos relacionados a *habilidade* ficou aquém da dos homens, tanto na *Folha* quanto no *Estado*, e os *termos negativos de habilidade* terem aparecido apenas uma vez, para mulheres, na *Folha*.

Importante notar que os *termos positivos de aparência* para mulheres foram encontrados em maior número no *Estado*, e não foi citado nenhuma vez para homens, o mesmo ocorrendo nos *termos negativos de aparência*.

Rubio; Simões (1999) explicam que temos o esporte como uma tela onde se projetam os valores culturais de cada sociedade na qual ele é praticado, reproduzindo seus sistemas hierárquicos e também suas peculiaridades sociais. Quando o que se espera da mulher esportista é basicamente continuar “feminina” e “bonita”, isto reflete essencialmente nas notícias que serão dadas sobre elas.

Isto está claro quando os *termos de aparência* são maiores dos que de *habilidade*, constatados no *Estado*.

CONCLUSÕES

Os jornais *Folha* e *Estado* apresentam reportagens em sua grande maioria sobre os homens.

O *Estado* é o jornal que tem apresentado mais reportagens sobre mulheres, tanto em número de reportagens quanto na média de palavras. Ele também é aquele que dá mais espaço para os homens. A *Folha* divide o espaço que resta entre as mulheres e notícias neutras.

Com estes dados, percebemos o quanto há dificuldade para as mulheres galgarem importância no contexto mídia-esporte. Infelizmente ainda percebemos muita resistência por parte do jornalismo esportivo em dar valor as atletas, o que entristece sabendo que são dois dos maiores jornais do país, que sabem intrinsecamente do valor e do poder que tem na formação das políticas públicas para o esporte, não só feminino, mas no geral.

Outro ponto importante é de que na maioria das vezes, as notícias relacionadas ao gênero feminino vem com fotos tidas como sensuais, como a posição de recebimento no vôlei de areia, ou um saque no tênis. Os jornais tem como pressuposto de que o caderno de esportes é lido apenas pelo público masculino, o que acarreta uma inversão do poder de informar: até que ponto o jornal perde seu valor informativo para ser apenas entretenimento?

O questionamento maior é de que apesar de toda propalada igualdade de condições, hoje as meninas não tem em quem se espelhar para poderem iniciar sua prática esportiva, e aquelas que se arriscam, devem seguir padrões de beleza para poderem, se não conseguirem ganhar campeonatos, arranjar patrocínios lucrativos. O espaço na mídia é dado apenas para aquelas mais bonitas, ou para aquelas atletas que são tidas como foras - de - série em sua modalidade.

É de suma importância questionar antigos valores na sociedade relacionados ao gênero, pois estamos iniciando um novo século, e precisamos urgentemente nos desapegar de antigos preconceitos e renovarmos atitudes e pensamentos que combinem com este novo tempo.

REFERÊNCIAS

HILLEBRAND, M. D.; GROSSI, P. K.; MORAES, J. F. Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. Rio Grande do Sul: PUC, 2008.

MESSA, F.C. Jornalismo esportivo não é só entretenimento. 8º Fórum de professores de Jornalismo. 2005 – SP - UFSCAR.

ROJIO, L. F. “Vitória”: O gênero da mídia esportiva brasileira especializada na cobertura olímpica. Revista de História do esporte, vol 1, nº2, dez. 2008.

RUBIO, K. SIMÕES, A.C. De expectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. Revista Movimento, Ano V – 1999. Pg.50 – 56.

SOUZA, J. S. S; KNIJINIK. J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. Revista Brasileira Educação Física e Esporte. São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.